

* É Tudo Uma Questão de Estilo



Se pararmos para pensar nas consequências do onze de Setembro nas relações internacionais e na visão global da política externa norte-americana constatamos que de vítima os EUA passaram a culpados, e um sem fim de teorias da conspiração surgiram em catadupa. Apresentar um culpado tornou-se imperativo e Bush passou a ser a figura que encarna os ódios mundiais. Mas afinal, porquê?

Depois do atentado terrorista que motivou a consciência de que o mundo estava, de facto, diferente e da decisão de que o combate ao terrorismo é o único meio de atingir um fim que é a paz kantiana universal, somente possível com a “exportação” do modelo de governação ocidental: a Democracia Liberal; a popularidade (já um tanto abalada com a vitória dos Republicanos na pessoa de **George W. Bush**) dos Estados Unidos sofreu uma quebra significativa. Isto é, a legitimidade que gozava no Velho Continente foi abalada.

Não se trata pois, ao contrário do que tem sido veiculado, da consciência de que a Democracia Liberal tem de estar adaptada aos contextos civilizacionais dos povos que a vão adoptar. Quer isto dizer, a Democracia Liberal sendo um modelo de governação não é um fim em si mesma nem possui estanques linhas de orientação e resolução de conflitos. Portanto, a Democracia Liberal deve constituir-se com um modelo de governação assente nas liberdades individuais e direitos adquiridos, não esquecendo o Direito Internacional. Esse é o fio condutor que guiará o processo de transição democrática contextualizada. Este argumento surgiu mais adiante do calor das contestações, e sendo totalmente válido, representa uma tomada de consciência racional da batalha pela Democratização do mundo. Porque a Democratização Universal é uma batalha ela representa um perigo: tirania da liberdade de escolha. Impor a liberdade a povos que só conhecem ditaduras é um perigo, porque a transição democrática é, na verdade, um resultado das vontades das consciências colectivas.

Sabemos também que, para que a Europa viva no mundo pós-histórico em que as relações entre os Estados é pacífica (a tal Paz Perpétua de **Kant**), os EUA têm de viver com um pé no mundo da pós-história e outro no mundo histórico. É na dicotomia da vivência num mundo em paz e baseado em relações pacíficas e acções orientadas para o mundo anárquico de **Hobbes** que os Estados Unidos alicerçam as suas relações internacionais. Porque o mundo não é uma aldeia democrática liberal é preciso que haja

alguém que, sendo naturalmente pós-histórico, tenha a capacidade de vigiar o mundo histórico.

Ao exercer a sua vigilância do mundo histórico (assegurando a paz e segurança do mundo póshistórico, constituído por países democráticos), os Estados Unidos vêm-se forçados a exercer relações tendo por base o poderio militar que ostentam, sabendo que é esse mesmo poderio o garante da segurança, mais ou menos saudável, do Ocidente. Tendo, acima de tudo presente, que no mundo anárquico de Hobbes não existem relações pacíficas continuadas e o que se joga são estratégias e interesses económicos e políticos, num quadro em que a força é uma arma diplomática válida. Os EUA têm perfeita consciência que é com este mundo que a sua magistratura de influência tem de funcionar melhor, independentemente dos riscos e conflitos que daí possam resultar sob pena de perda de segurança nacional e ocidental.

Em boa medida, isto parece que continua a não justificar o porquê do desagrado europeu e ocidental pelas políticas externas americanas. Mas como diz o título, é tudo uma questão de estilo. O estilo europeu de fazer política externa – pelas razões anteriormente anunciadas – é um estilo pacífico e dialogante, assente no pressuposto de que é por intermédio do diálogo (e quase exclusivamente por intermédio deste) que se consegue encontrar um equilíbrio nas relações internacionais – visão idealista, uma vez que muitos dos Estados não partilham do valor do diálogo.

O governo **Bush** trouxe uma nova forma de política externa americana – recuperadora, se assim podermos chamar, do estilo isolacionista nas relações entre Estados. O pensamento-base é o seguinte: se temos poder militar e económico suficiente para agirmos isoladamente no mundo façamo-lo. O apoio dos demais na ONU é importante mas não decisivo.

Independentemente da partilha de valores comuns e objectivos partilhados, o estilo americano não agrada aos seus parceiros ocidentais. O estilo isolacionista é um estilo demarcado do tempo e originador de conflitos democráticos.

Razão número dois do cisma ocidente/EUA, esta essencialmente de coerência. Porque a esquerda ocidental não aprova as actuações americanas no mundo? Sabemos que os

EUA se tornaram no alvo de tudo e todos, de repente toda a gente detesta a América e esta é a culpada de quaisquer desgraça que aconteça. Mas porquê?

A coerência aqui é o conceito-chave. Os EUA intervêm nos países árabes – nomeadamente o Iraque – porque este representa, por um lado, um atentado a Direitos Humanos com a autodeterminação e a liberdade, e por outro, uma ameaça à segurança nacional americana e de todo o Ocidente. Tudo bem. Os anti-americanos, perguntam assim: e em relação a Darfur, por exemplo? Acrescentando o argumento coerência à narrativa ganhando legitimidade: onde está coerência da actuação? Parece claro que os interesses económicos e estratégicos é que orientam as acções externas americanas, muito mais do que o combate ao terrorismo. Argumentando deste jeito argumentam bem. Mas a questão que se deve colocar é a seguinte: independentemente de camuflada por interesses maiores, uma boa acção não é sempre uma boa acção? Parece-me que sim.

Incoerência, apontam de novo o dedo os revoltosos. E em relação à Coreia do Norte? Que o Iraque não tem armamento nuclear já era dado adquirido. A Coreia tem armamento e em relação a esta os EUA não tomam medidas. Mais uma vez uma questão de coerência das acções.

O anti-americanismo manifesta-se, em boa medida, no seio de sociedades ocidentais e livres. Assumindo um carácter global e cada vez mais globalizante aponta caminhos inversos ao estilo de vida exportado pelos EUA. Ora, estas manifestações de desaprovação anti-americana só são possíveis em sociedades democráticas, onde a livre escolha de identidades e de opiniões é possível. E a liberdade, sabemos-lo nós, só é possível tendo o garante americano.

Independentemente dos interesses geoestratégicos americanos, independentemente da política isolacionista que nos desagrada, independentemente do gozo que nos provoque a capacidade oratória e intelectual de **George W. Bush**, há uma coisa que não podemos esquecer: a liberdade de não gostarmos dos Estados Unidos, é nos dada exactamente por eles e é deles que esperamos a paz universal.

Afinal, é tudo uma questão de estilo.